

223

Arqueología
xinguana

**Pierre
Becquelin**

6

Eduardo Galvão (1953) foi o primeiro a assinalar no Alto Xingu a presença de uma cerâmica diferente da fabricada atualmente pelos uaurás. Outras observações sobre sítios anteriores à ocupação atual foram feitas depois por Oberg e Simões. Em 1961-1962, Dole publicou os resultados de visitas de sítios, acompanhadas de sondagens, principalmente nos arredores da aldeia então ocupada pelos cuicuros (Lamacuca).

Todos esses dados se referem à região do curso inferior do Culuene. Simões procedeu a um reconhecimento e a sondagens estratigráficas, dentro do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Simões, 1967). Estes trabalhos permitiram-lhe definir duas fases (identificadas essencialmente por seus complexos cerâmicos): a fase Diauarum, no curso superior do Xingu, e a fase Ipavu, no curso inferior do Culuene. A fase Diauarum foi datada do século XIII da nossa era, graças a duas datações de C 14: 1120 ± 75 d.C. (SI-713) e 1120 ± 90 d.C. (SI-716) (Simões, 1972:30). A presença de cerâmica decorada Ipavu, nos níveis superiores dos sítios da fase Diauarum, permitiu a Simões (1972:39) propor uma datação ao redor de 1200-1300 d.C. para a fase Ipavu.

Para uma descrição preliminar da cerâmica destas duas fases, será feita referência a Simões (1967). Os dois complexos diferem pelo temperante empregado (cariapé para Diauarum, e cauixi para Ipavu); Ipavu

tem uma decoração plástica mais elaborada e mais abundante (motivos incisivos geométricos, decoração aplicada zoomorfa). Os objetos de pedra (sobretudo os machados), de concha e de osso são raros nas duas fases. Os sítios parecem ser circulares, com um diâmetro médio de cerca de 125-140 m. Foi descoberta apenas uma sepultura, atribuída por Simões à fase Ipavu. Trata-se de um enterramento primário, em posição estendida de costas, tendo duas cerâmicas e uma conta como oferendas funerárias.

De nossa parte, tivemos ocasião de efetuar duas missões arqueológicas no Parque Nacional do Xingu, em 1973 e em 1980. Durante essas missões descobrimos novos sítios e procedemos a diversas sondagens estratigráficas, tanto na região do Culuene inferior como na do Xingu superior (Fig. 47).

A cerâmica arqueológica encontrada nas nossas escavações do Culuene inferior corresponde perfeitamente à descrita por Simões, e pertence, sem dúvida, à fase Ipavu. A dos sítios do Xingu superior, que ocupam uma posição intermediária entre os sítios reconhecidos por Simões e os do Culuene inferior, parece igualmente fazer parte do complexo Ipavu.

Geralmente os sítios de habitação são indicados apenas pela presença de fragmentos de cerâmica em superfície; mas nos dois casos, em Tuatuari e em Jacaré (este último sítio tendo sido já reconhecido por Simões), observa-se a presença de elevações de terra que rodeiam um espaço circular e que são interrompidas por caminhos de acesso. Em Tuatuari estas elevações variam de 1 m a 1,50 m e o espaço circular da aldeia tem um diâmetro máximo de 145 m. Em Jacaré, onde só se pôde fazer um plano do setor oeste, por não ter sido possível desmatar o resto do sítio, a altura das elevações varia de 1 m a 1,80 m. Nos dois casos os caminhos de acesso são ladeados por elevações menores. Tínhamos pensado, inicialmente, que as elevações circulares poderiam ter uma função defensiva (se elas fossem providas de paliçadas), mas agora parece-nos mais verossímil ver aí o resultado da acumulação progressiva de detritos, à volta de uma aldeia circular habitada durante uma estação bastante longa.

Tínhamos estudado igualmente algumas valetas. Estas formações, já assinaladas por Oberg, Dole e Cláudio Villas-Boas, foram consideradas por eles como fossas abertas antigamente por índios. Simões, por sua parte, depois de ter estudado duas delas (em Jacaré e em Diauarum), inclina-se para atribuir-lhes uma origem natural. Nossas escavações nas valetas em Lahatua (aldeia cuicuro visitada em 1973), em Tuatuari e em

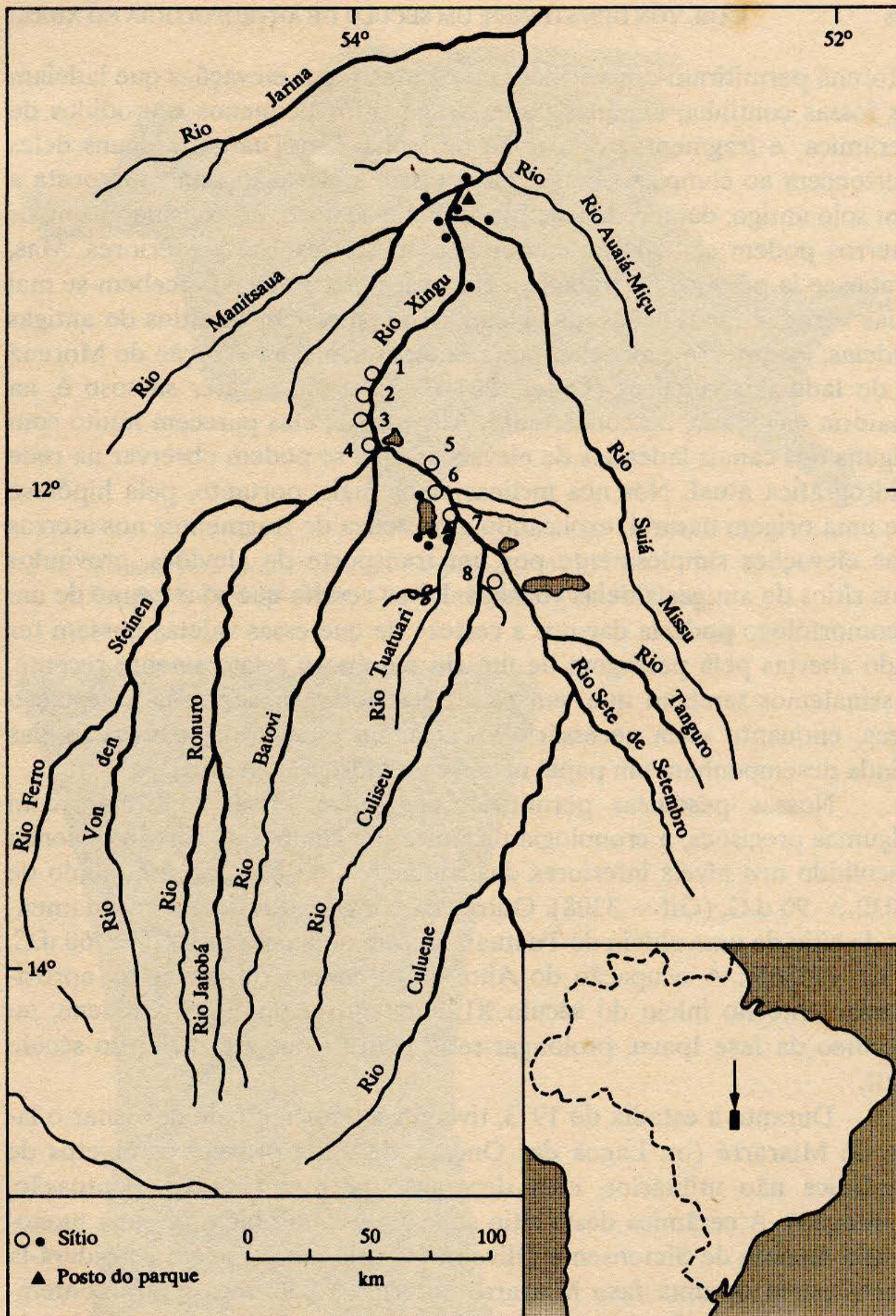


Fig. 47. Carta do Alto Xingu (baseada em Simões, 1967), com indicação dos sítios arqueológicos reconhecidos por Simões em 1966 (círculos pretos) e por Becquelin em 1973 e 1980 (círculos). 1: Uavi I e II; 2: Macalafia I e II; 3: Auarai; 4: Morená; 5: Jacaré; 6: Miararré; 7: Tuatuari; 8: Lahatua.

Morená permitiram-nos verificar que o aterro das elevações que ladeiam as fossas continha, algumas vezes, fragmentos pequenos e erodidos de cerâmica, e fragmentos de carvão de lenha. Em Tuatuari, alguns deles pertencem ao complexo Ipavu; além disso, a elevação está superposta a um solo antigo, datado da fase Ipavu. Pode-se portanto considerar que os aterros podem ser ou contemporâneos desta fase ou posteriores. Mas, tratar-se-ia por isso de trabalhos efetuados por índios? Percebem-se mal suas verdadeiras funções: as valetas não contornam os sítios de antigas aldeias; raramente elas delimitam um território, com exceção do Morená e do lado dos cuicuros (Dole, 1961-1962), e seu caráter sinuoso é, na maioria das vezes, desconcertante. Além disso, elas parecem muito com alguns dos canais ladeados de elevações, que se podem observar na rede hidrográfica atual. Nós nos inclinariamos mais, portanto, pela hipótese de uma origem natural, explicando a presença de fragmentos nos aterros das elevações simplesmente por um transporte de aluviões, provindos dos sítios de antigas aldeias vizinhas. Disso resulta que só o exame de um geomorfólogo poderia dar-nos a certeza de que essas valetas possam ter sido abertas pela passagem de um rio em época relativamente recente. Assinalemos também que, em geral, elas foram observadas na estação seca, enquanto seria necessário verificar na estação das chuvas se elas ainda desempenham um papel no sistema hidrográfico atual.

Nossas pesquisas permitiram-nos, além disso, confirmar, com algumas precisões, a cronologia proposta por Simões. O carvão de lenha recolhido nos níveis inferiores das sondagens do Morená foi datado de 1030 ± 90 d.C. (Gif - 3308). Outros carvões, vindos de um levantamento do sítio de uma aldeia de Tuatuari, deram uma data de 1270 ± 60 d.C. (Gif - 5365). A ocupação do Alto Xingu começaria, portanto, aproximadamente no início do século XI, enquanto a do Baixo Culuene, no decurso da fase Ipavu, prolongar-se-ia pelo menos até o fim do século XIII.

Durante a estadia de 1973, tivemos a oportunidade de visitar o lago de Miararré (ou Lagoa das Onças), de onde provêm os objetos de cerâmica não utilitários, com decoração plástica (incisão, pontuação, aplicação). A cerâmica deste sítio subaquático foi objeto de uma monografia recente de Simonsen e Oliveira (1980), que propõem considerá-la como parte de uma fase Miararré anterior à cerâmica uaurá contemporânea, e tendo fortes semelhanças com a fase Ipavu e a cerâmica de Santarém.

Por nossa parte, recolhemos no lago de Miararré uma amostra de cerâmica utilitária, na zona de onde provêm os objetos "cerimoniais". Es-

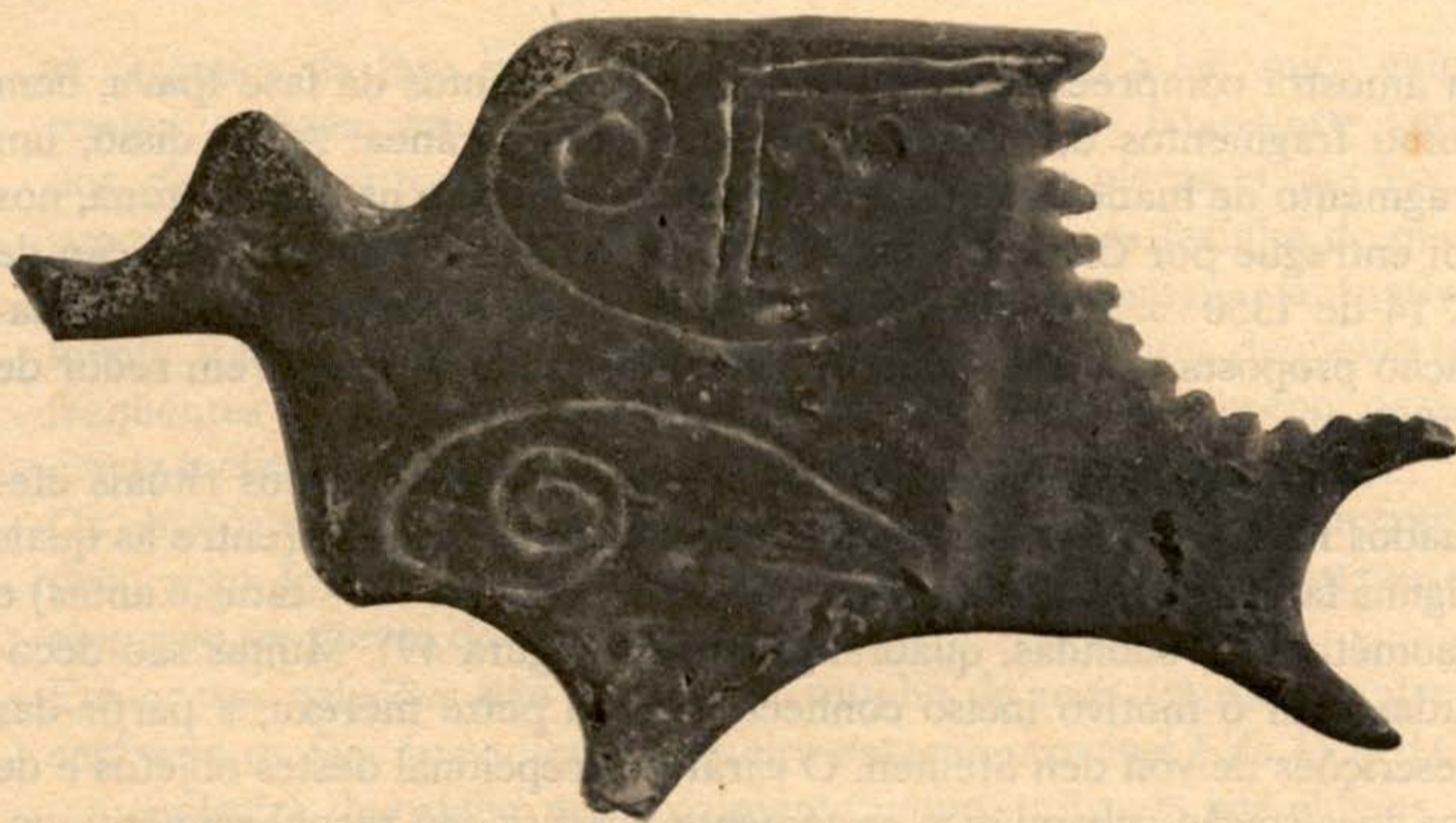


Fig. 48. Miararré, placa zoomorfa, pássaro. Comprimento: 20 cm.
 Coleção Museu Goeldi, Belém. Clichê: José Caster, Musée de l'Homme.



Fig. 49 Miararé, placa quadrilátera.
 Altura: 17 cm. Coleção Museu
 Goeldi, Belém. Clichê: José
 Caster, Musée de l'Homme.

ta amostra compreende uma maioria de fragmentos da fase Ipavu, bem como fragmentos de cerâmica uaurá contemporânea. Além disso, um fragmento de madeira semicarbonizada, encontrado na mesma zona, nos foi entregue por Cláudio Villas-Boas, e sua análise deu uma datação de C 14 de 1350 ± 80 d.C. (Gif - 3307), o que é muito próximo da datação proposta precedentemente para o fim da fase Ipavu (em redor de 1300).

Os objetos de Miararré são provavelmente depósitos rituais efetuados no lago. Eles compreendem peças antropomorfas (entre as quais alguns falos), zoomorfas (peixes, pássaros - Figura 48 - tatus e antas) e geométricas (redondas, quadrangulares - Figura 49). Muitas são decoradas com o motivo inciso conhecido como peixe merexu, a partir das descrições de von den Steinen. O caráter excepcional destes objetos e de sua localização subaquática certamente justifica seu reconhecimento como um complexo cerâmico à parte, mas talvez não como uma fase arqueológica separada. Em nossa opinião, trata-se, com efeito, mais de um complexo ritual especializado que faz parte da fase Ipavu.

Entre os resultados de nossas pesquisas, mencionaremos a identificação de sítios no Alto Xingu a jusante do Morená, ocupados no século XIX e abandonados desde 1884, por causa dos ataques dos suiás: Auarai e Macalafia I (aldeias trumaís), Uavi I (aldeia camaiurá). Entre os numerosos sítios de aldeias, assinalados na região do Alto Xingu e do Culuene inferior, muitos são anteriores às explorações do fim do século XIX; apresentam uma cerâmica similar à cerâmica uaurá contemporânea, e são mencionados na tradição oral indígena. Isto abre interessantes possibilidades no domínio das pesquisas etno-históricas.

O estado atual da arqueologia do Xingu já permite, apesar do pequeno número de trabalhos efetuados, apresentar certas conclusões e emitir hipóteses sobre a história cultural que precede a constituição da atual sociedade intertribal do Xingu:

- O Culuene inferior e o Alto Xingu a jusante do Morená foram ocupados no curso da fase Ipavu, do século XI até a metade do século XIV, por populações que utilizavam uma cerâmica pertencente à tradição "incisa e ponteadas", de origem amazônica (PRONAPA, 1970).
- Estas populações habitaram várias aldeias grandes, das quais duas (Tuatuari e Jacaré) apresentam elevações consideradas como índice de uma ocupação por prazo mais longo. A localização destas aldeias, perto de lagos ou de pequenos afluentes do Culuene e do Xingu, é idêntica à das aldeias contemporâneas.

- A cerâmica da fase Ipavu tem traços comuns com a cerâmica uaurá contemporânea: predomínio de grandes placas de lábios extravertidos, placas para torrar beiju e suportes para estas placas, o que leva a supor que as técnicas de preparação e cozimento da farinha de mandioca são as mesmas nos dois casos. A decoração Ipavu, quantitativamente fraca, comporta peças zoomorfas, mas diferentes daquelas tão freqüentes na cerâmica uaurá. Em Ipavu observa-se uma preponderância da incisão, enquanto atualmente domina a modelagem.
- Os objetos rituais do complexo Miararré têm pontos em comum com a decoração Ipavu e com a decoração uaurá (sobretudo em razão do emprego freqüente do motivo merexu).
- Em nossas coleções não temos testemunho de uma transição entre a cerâmica da fase Ipavu (cuja primeira datação provável é de 1350 d.C.) e a cerâmica de origem principalmente uaurá, utilizada nas aldeias do Xingu no século XIX.

Entretanto, e contrariamente às hipóteses anteriores, que fazem intervir migrações (Becquelin, 1978), somos tentados a pensar que houve evolução sem interrupção de ocupação da região entre a população da fase Ipavu e a população das aldeias visitadas a partir de 1884. Pensamos assim em vista das semelhanças entre a cerâmica arqueológica e a cerâmica contemporânea, bem como em razão da continuidade na disposição das aldeias.

A grande região, constituída pelo Xingu e seus formadores, apresenta interessantes possibilidades de pesquisa arqueológica, a despeito das dificuldades materiais causadas por seu afastamento. Pode-se além disso realizar aí estudos etnoarqueológicos, confrontando os dados da arqueologia com os dados obtidos no estudo das aldeias contemporâneas. Isto não deve levar a reduzir o passado ao que já é conhecido pelos comportamentos observados: os objetos rituais do lago de Miararré estão lá para nos mostrar, caso fosse necessário, a parte de mistério que sempre subsiste.

Agradecimentos

Nossas missões no Xingu foram efetuadas com o apoio do Centre National de la Recherche Scientifique, do Ministère des Affaires Etrangères, e com a licença de várias autoridades brasileiras. Entre as numerosas pessoas que nos ajudaram em nossas pesquisas, queremos

agradecer muito particularmente a Orlando e Cláudio Villas-Boas, Mário Simões (que aceitou ser o responsável científico por nossos trabalhos no Xingu), bem como a Pedro Agostinho e Patrick Menget.

Bibliografia

BECQUELIN, Pierre

1978: *Archaeology of the Upper Xingu, Mato Grosso, Brazil*. 77th Annual Meeting of the American Anthropological Association. Los Angeles (inédito).

DOLE, Gertrude E.

1961-1962: "A Preliminary Consideration of the Prehistory of the Upper Xingu Basin". *Revista do Museu Paulista*, XIII:399-423.

GALVÃO, Eduardo

1953: "Cultura e Sistema de Parentesco das Tribos do Alto Xingu". *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, 14, Nova Série, Antropologia.

OBERG, Kalervo

1953: *Indians Tribes of Northern Mato Grosso*. Washington, Smithsonian Institution.

PRONAPA

1970: "Brazilian Archaeology in 1968: An Interim Report in the National Program of Archaeological Research". *American Antiquity*, 35(1):1-23.

SIMÕES, Mário F.

1967: "Considerações Preliminares sobre a Arqueologia do Alto Xingu (Mato Grosso)". In: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados Preliminares do Primeiro Ano. 1965-1966*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, vol. 6, pp. 129-151.

1972: *Índice das Fases Arqueológicas Brasileiras 1950-1971*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, vol. 18.

———. & ARAÚJO-COSTA, Fernanda

1978: *Áreas da Amazônia Legal Brasileira para Pesquisa e Cadastro de Sítios Arqueológicos*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, vol. 30.

SIMONSEN, Iluska & OLIVEIRA, Acary de Passos

1980: *Modelos Etnográficos Aplicados à Cerâmica de Miararré*. Goiânia.

STEINEN, Karl von den

1894: *Unter der Naturvölkern Zentral-Brasiliens*. Berlin, Dietrich Reimer.

VILLAS-BOAS, Cláudio & Orlando

1970: *Xingu - Os Índios e seus Mitos*. Rio de Janeiro, Zahar.